

A ORTOGRAFIA EM CRIANÇAS FRANCESAS, INGLESAS E PORTUGUESAS

Introdução

Nos últimos anos, comparámos a linguagem-expressão oral e escrita (média de número de palavras utilizadas, percentagens de frases constituídas e de apresentações descritivas, percentagens de grupos sintagmáticos (grupos-nomes, grupos-pronomes e grupos-verbos) e média dos lexicais diferentes usados) de crianças do 4.º ano de escolaridade, de diferentes línguas (alemão, castelhano, catalão, francês, inglês, italiano e português), com base em narrações produzidas a partir de bandas desenhadas¹.

Para a obtenção, na população em questão, das produções orais e escritas analisadas, foi utilizada a metodologia proposta por A. Girolami-Boulinier².

Relativamente aos textos escritos produzidos pela população mencionada, achámos de interesse analisar, para além da linguagem-expressão nos aspectos atrás focados, a ortografia tal como se apresentava nessas crianças.

No presente trabalho, foram objecto de análise ortográfica os textos escritos de crianças francesas, inglesas e portuguesas que frequentavam o 4.º ano de escolaridade.

Tendo em vista a metodologia seguida para a recolha do material a analisar, convém lembrar que estão em causa produções escritas sugeridas e não impostas³. É evidente que os dois tipos de produções dariam uma imagem mais precisa do perfil ortográfico do escrevente. Na verdade, segundo

¹ Cf. o artigo das mesmas autoras intitulado *A linguagem-expressão na criança europeia*, pp. 99-113 deste volume.

² Cf. GIROLAMI-BOULINIER, A. — *Les niveaux actuels dans la pratique du langage oral et écrit*, Paris, Masson, caps. 1 e 2.

³ Cf. *ibidem*, pp. 122-125.

A. Girolami-Boulinier ⁴, certos erros ocorrem na linguagem escrita sugerida e não aparecem no texto imposto e outros erros não aparecem no texto escrito sugerido em virtude de este implicar de um modo mais ou menos consciente uma maior prudência.

Referiu-se o termo *erro*; no entanto, não se trata de uma designação que deva ser entendida com uma conotação pejorativa. Significando *ortografia* escrita correcta, obviamente que, em termos práticos, os desvios relativamente a essa escrita correcta terão de surgir designados e optou-se por isso pelo termo *erro*. Contudo não deixa de estar presente a leitura psicogenética desse termo.

Ora, para analisar a ortografia, é necessário recorrer a uma metodologia tão rigorosa quanto possível. A metodologia que foi seguida neste estudo corresponde, em nosso entender, à preocupação de efectuar um levantamento de erros ortográficos passíveis de uma classificação em categorias (quatro) facilmente escalonadas de acordo com o grau de gravidade. Na análise dos erros ortográficos existentes nos textos escritos por nós recolhidos, adoptou-se também a metodologia proposta por A. Girolami-Boulinier ⁵.

Na análise praticada em língua francesa de acordo com a metodologia mencionada, os erros de acentuação não são incluídos nos erros ortográficos, à excepção porém do tipo de acentuação que implica identificação de palavras gramaticais (cf. “à” e “où”). O uso incorrecto de maiúsculas e de pontuação não foi do mesmo modo tido em conta.

Em vez de usar a classificação tradicional dos erros, A. Girolami-Boulinier serve-se de uma classificação que contempla a compreensão por parte do sujeito e as suas dificuldades a nível perceptivo e lexical. Com efeito, a autora, em virtude porventura da sua formação ortofonista, procura também reforçar na sua análise os erros correspondentes a mudanças de fonetismo e os erros resultantes de um domínio deficiente da construção da frase.

Na análise em questão ⁶ são então contemplados quatro grandes categorias de erros: duas categorias de menor importância (os erros de género e número e os erros de uso) e duas outras categorias com implicações mais graves, ou seja, podendo indiciar uma suposta patologia quando se tornam persistentes e frequentes (os erros fonéticos e os erros linguísticos).

Os erros de género e número ⁷ indiciam uma não aplicação ou uma aplicação errada das regras de concordância. Esta qualidade de erro faz sobretudo

⁴ Cf. *ibidem*, p. 125.

⁵ Cf. *ibidem*, p. 127 e segs.

⁶ Cf. *ibidem*, p. 125 e segs.

⁷ Cf. *ibidem*, p. 128.

sentido em língua francesa, uma vez que, conforme refere A. Girolami-Boulinier, “a redundância do código escrito francês em matéria de plural (ou de género) exige exactamente uma persistência da atenção”⁸. Ainda de acordo com esta autora, factores como a afectividade, a atenção, a retenção e o modo de aprendizagem podem estar implicados nesta categoria de erro. A supressão de erros desta espécie exige, por sua vez, maturidade e uma maior tomada de consciência do material escrito⁹.

A segunda categoria de erros corresponde aos designados *erros de uso*. Para A. Girolami-Boulinier, o erro de uso é o erro que afecta a forma gráfica da palavra (em si própria e não em situação) sem afectar a sua forma auditiva¹⁰. Não se pode porém alargar a designação de erro de uso a todas as palavras. As palavras gramaticais principais, *i.e.*, as palavras que constituem uma grande percentagem da linguagem oral e escrita quando esta se encontra organizada em frases e que contribuem conseqüentemente para a sua estruturação, não são abrangidas pelos erros de uso. Os erros cometidos nesta classe de palavras são por isso muito mais graves do que os simples erros de uso, uma vez que jogam com a identificação de palavras¹¹. Por outro lado, no que toca aos verdadeiros erros de uso, o treino da atenção e da retenção contribui para reduzir a sua ocorrência, razão pela qual não devem ser considerados graves. Para além disso, o recurso ao dicionário pode ser suficiente em caso de existirem, a este nível, dúvidas de escrita.

Os erros que mudam o aspecto fonético das palavras são chamados *erros fonéticos*¹². Em princípio, esta categoria de erro desaparece com a aprendizagem escolar, pelo que se manifesta sobretudo nos indivíduos pouco escolarizados e/ou facilmente influenciáveis pelos hábitos locais próprios de um determinado meio. Podem contudo encontrar-se erros fonéticos, como ainda adianta A. Girolami-Boulinier, em indivíduos com sequelas de atraso de linguagem, o que permite pensar que se está perante uma disortografia que necessita de reeducação. Os erros fonéticos dividem-se em erros perceptivos visuais, auditivos ou mesmo motores (que se traduzem em adições, substituições, omissões-simplificações, incertezas visuais e inversões)¹³ e em erros resultantes de uma aquisição deficiente dos mecanismos de leitura¹⁴.

⁸ Cf. *ibidem*, p. 128.

⁹ Cf. *ibidem*, p. 129.

¹⁰ Cf. *ibidem*, pp. 129 e 130.

¹¹ Cf. *ibidem*, p. 129.

¹² Cf. *ibidem*, pp. 131 e 132.

¹³ Cf. *ibidem*, p. 131.

¹⁴ Cf. *ibidem*, p. 132.

Finalmente, os erros linguísticos, ocorrentes em todas as idades e independentemente do meio cultural, dividem-se em dois grupos: os erros de morfologia verbal (que afectam as formas verbais e que dependem do grau de aprendizagem) ¹⁵ e os erros de identificação ou individualização (mais graves na medida em que podem afectar a compreensão e a construção da frase) ¹⁶.

Com base nesta categorização foi efectuada a análise ortográfica dos textos escritos produzidos por três grupos de sessenta crianças cada, em língua francesa, inglesa e portuguesa. Esta metodologia, como a discussão deste trabalho revela, evidencia a especificidade de cada uma das línguas em estudo e o que isso representa em termos de quantificação e classificação dos erros ortográficos encontrados.

Material, população e método

Prova utilizada

Como suporte material para a obtenção dos textos escritos que serviram de objecto da análise ortográfica praticada neste estudo, foram utilizadas as sequências de quatro imagens correspondentes às histórias do “Café” e da “Caixa” de Adamson ¹⁷.

População

A população observada era constituída por 180 crianças de ambos os sexos, falantes de três línguas (francês, inglês e português), distribuídas por três grupos constituídos por 60 crianças de cada língua. Frequentavam o 4.º ano de escolaridade em escolas de Paris, Londres e Porto, apresentavam idades compatíveis com o respectivo ano escolar e correspondiam a uma amostra representativa dos diferentes meios socioeconómicos, ou seja, não pertenciam a um meio que pudesse ser considerado *marcado*.

¹⁵ Cf. *ibidem*, p. 132.

¹⁶ Cf. *ibidem*, p. 133. Quando os erros de individualização/identificação persistem e são frequentes podem indicar, como adianta A. Girolami-Boulinier, uma disortografia linguística. Nesses casos tornar-se-á necessária a reeducação.

¹⁷ Cf. *ibidem*, pp. 3-4. Para mais pormenores a respeito do suporte material em questão, ver pp. 101-102, neste volume.

Método

Os textos escritos relativos às duas sequências pictóricas atrás referidas foram obtidos após a narração oral das mesmas. O suporte visual permaneceu diante da criança enquanto esta procedia às respectivas narrações. A prova foi sempre aplicada individualmente e no fim do ano lectivo, em Junho.

Para a análise ortográfica dos textos escritos assim conseguidos, seguiu-se a metodologia exposta na introdução deste trabalho. Depois de efectuado, em cada língua, o levantamento do número e média de palavras e erros, foram realçadas as categorias de erros encontrados e respectiva percentagem. Exemplos concretos de alguns tipos de erros verificados nas três línguas e que se nos afiguram paradigmáticos são também apresentados.

Resultados

O quadro que se segue (Quadro 1) apresenta, por língua, o número total e média de palavras produzidas no conjunto dos textos escritos. Enquanto os valores encontrados são quase sobreponíveis em francês e em inglês, em português verifica-se uma menor utilização de número de palavras¹⁸. Quanto ao número e média dos erros cometidos, pode constatar-se que as crianças portuguesas apresentam valores menos elevados, tanto em números absolutos

Quadro 1 — Número de palavras e de erros contabilizados nos textos escritos de crianças do 4.º ano de escolaridade, em francês, inglês e português, bem como o número médio dessas palavras e o número médio e percentagem desses erros, por língua.

Número de palavras e de erros			Média de palavras e média e % de erros		
	palavras	erros	média palavras	média erros	% erros
francês	5667	582	94	9,5	10,5
inglês	5644	556	94	9,25	10
português	4594	241	77	4	5,5

¹⁸ Esta diferença de valores encontrados foi já salientada noutros estudos publicados pelas autoras deste trabalho. Cf., por exemplo, o artigo das mesmas autoras inserido neste volume, pp. 103, 106, 110.

como em percentagem. Por sua vez, as crianças francesas e inglesas revelam valores que perfazem percentagens quase idênticas ¹⁹.

Os erros referidos distribuem-se por erros de uso, erros fonéticos, erros linguísticos de tipo 1 e 2 e erros de género e número. Tal como foi dito no início, os erros de uso afectam a forma gráfica da palavra e não a sua forma auditiva, os erros fonéticos mudam o aspecto fonético das palavras utilizadas sob forma de omissões, adições, substituições, inversões e imprecisões gráficas, os erros linguísticos de tipo 1 dizem respeito à morfologia verbal, os de tipo 2 à não identificação/individualização das palavras e, finalmente, os erros de género e número manifestam uma não aplicação ou aplicação errada das regras de concordância ²⁰. O quadro seguinte (Quadro 2) dá-nos conta da distribuição dessas categorias de erros por língua.

Quadro 2 — Número total de palavras, número e percentagem total dos erros e das diversas categorias de erros por língua.

	n.º total erros	% total erros	erros de uso	erros fonéticos	erros linguist. 1	erros linguist. 2	erros de gén./núm.
francês palavras 5667	582	10,5%	166 (28,5%)	43 (7,5%)	168 (29%)	160 (27,5%)	45 (7,5%)
					─────────── (56,5%)		
inglês palavras 5644	556	10%	85 (15,5%)	217 (39%)	112 (20%)	138 (25%)	4 (0,5%)
					─────────── (45%)		
português palavras 4594	241	5,5%	69 (28,5%)	107 (44,5%)	21 (8,5%)	43 (18%)	1 (0,5%)
					─────────── (26,5%)		

linguist. 1 — morfologia verbal

linguist. 2 — individualização/identificação lexical

¹⁹ Para facilitação da leitura, sempre que se achou oportuno arredondaram-se as médias e as percentagens.

²⁰ Cf. GIROLAMI-BOULINIER, A. — *ob. cit.*, 1984, pp. 127-133.

Se se compararem as três línguas, verifica-se o seguinte: 1. uma percentagem idêntica de erros de uso em francês e em português (28,5%), que é superior à percentagem encontrada nos textos ingleses (15,5%); 2. uma percentagem inferior de erros fonéticos em francês (7,5%) e mais elevada em inglês (39%) e sobretudo em português (44,5%); 3. erros linguísticos de tipo 1 em maior percentagem em inglês (20%) e em francês (29%) do que em português (8,5%) e de tipo 2 igualmente em maior percentagem em inglês (25%) e em francês (27,5%) do que em português (18%); 4. percentagens mínimas (0,5%) de erros de género e número em inglês e em português e de 7,5% em francês.

Relativamente aos erros fonéticos encontrados nas três línguas, revela-se de interesse destacar que erros fonéticos ocorrem e em que percentagens. Os quadros que se seguem fornecem-nos informação a esse respeito.

Quadro 3 — Distribuição dos erros fonéticos em francês (percentagem total 7,5%)

omissões	adições	substituições	inversões	aprendizagens
15%	5%	39%	2%	39% (atterit; chaisse) { e + 2 cons. ss/s

Alguns exemplos:

omissão: esuite/ensuite
 adição: perent/prend
 substituição: houte/housse
 inversão: monseuir/monsieur

Quadro 4 — Distribuição dos erros fonéticos em inglês (percentagem total 39%)

omissões	adições	substituições	inversões	imprecisões gráficas
32%	21%	31%	11%	5%

Alguns exemplos:

omissão: son/stone
 adição: nayel/nail
 substituição: bear/beer
 inversão: talbe/table

Quadro 5 — Distribuição dos erros fonéticos em português (percentagem total 44,5%)

omissões	adições	substituições	inversões	imprecisões gráficas
14%	12%	50%	11%	13%

Alguns exemplos:

omissão:	deprega/desprega
adição:	fexorar/fechar
substituição:	predado/pregado
inversão:	perda/pedra

A maior percentagem de erros fonéticos verifica-se em português. Destaca-se, no entanto, nesta língua o elevado número de erros por substituição que compreendem, entre outros, a substituição de *b* por *v* (ex. “vever” por *beber*)²¹ e substituições relacionadas com a aprendizagem (ex: “cabeça” por *cabeça*). Em inglês regista-se uma percentagem importante de erros de omissão, o que demonstra que a criança quando não sabe prefere omitir²². Quanto às inversões, estas ocorrem em igual percentagem em português e em inglês. Em português, dá-se sobretudo a inversão quando a oclusiva é seguida de vibrante. Em inglês, a sua ocorrência não reveste tanta sistematicidade.

Observem-se seguidamente, nas três línguas, alguns exemplos de erros linguísticos de morfologia verbal e de identificação/individualização de palavras.

²¹ Não somos alheios ao facto de as produções escritas portuguesas terem sido recolhidas na cidade do Porto.

É nossa intenção comparar produções escritas de crianças portuguesas com outras naturalidades.

²² A. Girolami-Boulinier chama a atenção para o facto de a criança omitir quando ainda não sabe e de tender a acrescentar quando já possui um certo saber (cf. GIROLAMI-BOULINIER — *ob. cit.*, 1984, p. 118). Relativamente às inversões e às substituições, muito embora relacionadas com a leitura, torna-se pertinente transcrever a seguinte passagem de A. Girolami-Boulinier: “D’autres **inversent** plus souvent au niveau des lettres, quelquefois au niveau des groupes de lettres, quelquefois au niveau de mots, et ils n’ont vraisemblablement pas atteint le stade du 3 nécessaire à la mise en place de la lecture. Enfin certains **substituent** et, selon le degré de leurs perceptions (approchées ou inexactes) et/ou de leur imagination, ils procèdent ainsi au niveau du signe graphique, du morphème ou du mot: quand la substitution est cohérente, il y a déjà lecture et quand elle est incohérente une analyse plus approfondie est nécessaire” (*ob. cit.*, pp. 118-119).

Erros linguísticos:

Exemplos franceses:

embeter/embêté; allé/allait; pris, fini/prit, finit
serva, matte, pleuva/servit, mit, plut
e
lotre, lottre/l'autre; sens, sans/s'en
toutacou/tout à coup

(Os erros de morfologia e de identificação/individualização são praticamente em número idêntico.)

Exemplos ingleses:

haveing, useing/having, using
look, see, go, drink/looks, sees, goes, drinks
walk's, pick's, fall's/walks, picks, falls
whent/went
e
the,tey,their/there; its/his; it/him; is/his; of/off; to/too;
our/other
yousis/uses

(Verificam-se erros tanto a nível da morfologia verbal como da identificação/individualização de palavras.)

Exemplos portuguesas:

derrepente/de repente, achover/a chover, foise/foi-se

(Os erros linguísticos em português dizem essencialmente respeito à individualização (identificação?) de palavras.)

No que toca aos **erros de uso**, destacamos também alguns exemplos extraídos das três línguas:

Exemplos franceses:

appéritife/apéritif
décole/décolle
maleur/malheur
can/quand
car/quart
e as homófonas: ver/verre, cou/coup, pause/pose

Exemplos ingleses:

waight/weight	sudeny/suddenly
wen/when	accidental/accidentally
hed/head	hamering/hammering

Exemplos portuguesas:

calhao/calhau, chuver/chover
sima/cima, caicha/caixa, terseira/terceira
trasido/trazido, jénero/género

Discussão e conclusão

Do ponto de vista da ortografia, certas línguas apresentam sistemas ortográficos mais fonéticos do que outras. Revelam assim correspondências entre *fonia* e *grafia* mais estreitas, facto que contribui para uma ortografia essencialmente subordinada à fonética²³.

Alguns autores dão como exemplo dessas línguas o italiano²⁴, outros o italiano, o espanhol e o estoniano²⁵, outros ainda sublinham a facilidade da escrita espanhola²⁶.

²³ Cf. FIJALKOW, J. — *Langage écrit*, in RONDAL, J. A.; SERON, X. (ed.) — *Troubles du langage. Diagnostic. Rééducation*, Bruxelles, Pierre Mardaga, 1982, p. 67, onde se pode ler: «Le finnois, le yougoslave, l'italien, l'espagnol, l'hébreu sont cités comme des exemples où cette correspondance (entre phonie et graphie) est très étroite: on les appelle langues "phonétiques" par opposition à des langues qui comme le français ou l'anglais sont peu "phonétiques"». Seria interessante observar-se o grau de influência fonética evidente na escrita de uma determinada língua ao longo de um *continuum*, de forma a ser possível situar cada língua relativamente a outra em termos de sistema ortográfico mais ou menos fonético e não em termos absolutos.

²⁴ Cf. VALLE ARROYO, F. — *The importance of grapheme-to-phoneme conversion rules in beginning readers*, in MALATESHA, R. N.; WHITAKER, H. A. (eds.) — *Dyslexia: a global issue*, NATO ASI Series, The Hague, Boston, Lancaster, Martinus Nijhoff Publishers, 1984, p. 512.

²⁵ Cf. SEGALOWITZ, S. J. — *ERPs and advances in neurolinguistics*, in ARDILA, A.; OSTROSKY-SOLIS, F. (eds.) — *Brain organization of language and cognitive processes*, New York and London, Plenum Press, 1989, p. 173.

²⁶ Cf. ARDILA, F.; ROSSELLI, M.; PINZON, O. — *CAT correlations and interlinguistic analysis*, in ARDILA, A.; OSTROSKY-SOLIS, F. (eds.) — *Brain organization of language and cognitive processes*, New York and London, Plenum Press, 1989, p. 173.

Quanto à língua portuguesa²⁷, pode dizer-se que o seu sistema ortográfico apresenta características que a situam seguramente num espaço próximo do das línguas acabadas de referir. De facto, existem palavras portuguesas nas quais a influência etimológica prevalece e se traduz pela presença, por exemplo, de consoantes mudas, não articuladas²⁸ (ex: *acto*, *concepção*, *ótimo*). Mas a influência fonética manifesta-se, apesar de tudo, de um modo notório não só a nível lexical como a nível da morfologia nominal e verbal²⁹.

Normalmente as línguas citadas servem de exemplo quando se discute a ortografia inglesa³⁰. Efectivamente, o sistema inglês é parcialmente fonológico (ex: *of*, *bit*, *bed*) e parcialmente logográfico (ex: *jacht*, *enough*)³¹.

Dentro desta óptica, os estudiosos ingleses que se dedicam ao estudo da leitura referem que um modelo de leitura do inglês teria de apresentar duas vias: uma fonológica relacionada com as regras de correspondência grafema-fonema e uma visual (cf. a leitura do sufixo *-tion*) sobretudo importante no caso das palavras homófonas (ex: *sees*, *seas*, *seize*)³². Certos autores sublinham ainda que a ortografia inglesa é sistematicamente morfofonémica (o que se aplicaria especialmente às palavras de origem latina: *compose*, *composition*; *divine*, *divinity*; *narrate*, *narrative*, etc.)³³.

²⁷ Esta leitura sobre a língua portuguesa torna pertinente a comparação entre o português de Portugal e o português do Brasil.

²⁸ Cf. HENDERSON, L. — *Orthography and word recognition in reading*, London, N. Y., Academic Press, 1982, p. 68.

²⁹ Lembra-se neste momento a preocupação por parte dos movimentos de reforma ortográfica em fazer incidir ainda mais essa influência fonética em detrimento da etimológica.

³⁰ Como refere R. G. Baker, «English is said to be “not a phonetic language”» (BAKER, R. G. — *Orthographic awareness*, in FRITH, U. (ed.) — *Cognitive processes in spelling*, New York, Academic Press, Inc., 1980, p. 52). Ver ainda a nota 21.

³¹ Cf. SAMPSON, G. — *Writing systems*, Stanford, CA, Stanford University Press, 1985, referido por ARDILA et alii — *ob. cit.*, 1989, p. 173.

³² Cf. SEGALOWITZ, S. J. — *ob. cit.*, 1989, p. 71. Relativamente a modelos de leitura, ver, entre outros, SHALLICE, T.; WARRINGTON, E. K. — *Single and multiple component central dyslexic syndromes*, in COLTHEART, M.; PATTERSON, K.; MARSHALL, J. (eds.) — *Deep dyslexia*, London, Boston and Henley, Routledge & Kegan Paul, 1980, pp. 119-145 e TEMPLE, C. M. — *Surface dyslexia: variations within a syndrome*, in PATTERSON, K. E.; MARSHALL, J. C.; COLTHEART, M. (eds.) — *Surface dyslexia*, London, Hillsdale, New Jersey, Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 1985, pp. 269-288.

³³ Cf. HENDERSON, L. — *ob. cit.*, 1982, p. 95 e o que diz Venesky: “the orthographic preservation of morphemic identity is predicted on the assumption that the reader knows the phonemic alternations that accompany derivational and inflectional formation” (VENESKY, R. L. — *The structure of English orthography*, The Hague, Mouton, 1970, p. 120, referido por HENDERSON, L. — *ob. cit.*, 1982, p. 87).

Em inglês a um fonema determinado não corresponde sempre um único grafema e um grafema pode revestir diferentes realizações fonémicas dependendo do seu contexto no interior da palavra. Tais factos dificultam certamente a leitura e a ortografia³⁴. As proporções respeitantes a essas correspondências variam mesmo segundo os autores. De facto, Wijk³⁵ distingue 46 fonemas correspondendo a 102 grafemas e Hanna et alii³⁶ distinguem 52 fonemas que correspondem a 170 grafemas, o que perfaz respectivamente a *ratio* de cerca de 4:9 e a *ratio* de 4:13.

Os aspectos realçados reforçam a ideia de que a ortografia inglesa não corresponde a um sistema regular do ponto de vista fonográfico³⁷; tais aspectos fazem ainda apelo às influências etimológicas — principais responsáveis pela existência das consoantes mudas³⁸ — e às famílias morfológicas (consequentemente ao nível dos morfemas).

As características da ortografia francesa não são com certeza muito diferentes das da ortografia inglesa³⁹. Na verdade, paralelamente a uma certa regularidade fonética e morfemática e à influência etimológica, deparamos com desinências nominais e verbais pronunciadas da mesma forma (*chantel/chantent; porte/portes, aimé/aimées*), com consoantes mudas (*accueillir, malheur, lumineux, rachidien, finit*), com consoantes dobradas (*apprendre, mettre, raccommoder*), com grafias correspondendo a um só fonema (*faites, peine, clou, où*) e com palavras homófonas (*il lie, le lit, je lis*⁴⁰).

Todos as particularidades ortográficas até aqui apontadas concorrem certamente para a existência do número e da categoria de erros constatados nos textos escritos produzidos pelas crianças francesas, inglesas e portu-

³⁴ P. T. Smith, a este respeito, comenta da seguinte forma: “sound-to-spelling rules seem less systematic (or perhaps simply less well practised) than spelling-to-sound rules” (SMITH, P. T. — *Linguistic information in spelling*, in FRITH, U. (ed.) — *Cognitive processes in spelling*, New York, Academic Press, Inc., 1980, p. 40).

³⁵ Cf. WIJK, A. — *Regularized English. The only practicable solution of the English spelling reform problem*, in HAAS, W. (ed.) — *Alphabets of English*, Manchester, Manchester University Press, 1969, referido por HENDERSON, L. — *ob. cit.*, 1982, p. 84.

³⁶ Cf. HANNA, P. R.; HANNA, J. S.; HODGES, R. E.; RUDOLF, E. H. — *Phoneme-grapheme correspondences as cues to spelling improvement*, Washington, U. S. Dept. of Health, Education and Welfare, 1966, referido por HENDERSON, L. — *ob. cit.*, 1982, p. 84.

³⁷ Cf. HENDERSON, L. — *ob. cit.*, 1982, p. 95.

³⁸ Cf. *ibidem*, p. 68.

³⁹ Cf. SEGALOWITZ, S. J. — *ob. cit.*, 1989, p. 71 e FIJALKOW, J. — *ob. cit.*, 1982, p. 67.

⁴⁰ Cf. SEGALOWITZ, S. J. — *ob. cit.*, 1989, p. 71.

guesas que constituem a população deste estudo. No entanto, não se deve esquecer a facilidade com que a criança opera generalizações, i.e., uniformiza a sua ortografia, com base nos conhecimentos que já possui da linguagem escrita.

Se tivermos em atenção as três línguas analisadas neste trabalho, escrever, sobretudo em inglês e em francês, significa também dominar a morfologia da língua⁴¹ e conseqüentemente a estrutura da frase.

Em português, por causa sem dúvida de na sua ortografia se verificar uma maior influência fonética do que em inglês e em francês, as crianças cometem um menor número de erros, em média (5,5%), e os erros mais numerosos traduzem, por um lado, uma mestria imperfeita da ortografia quando a influência etimológica se faz sentir (os erros de uso serão exemplo disso) e, por outro lado, uma escrita com erros fonéticos, alguns dos quais motivados pelo tipo de linguagem oral praticado no meio em que a criança habita. Atendendo ao facto de em português se pronunciarem as desinências nominais e verbais, a morfologia nominal ou verbal apresenta muito raramente homofonia. Desta forma, nos textos escritos produzidos pela criança portuguesa deste nível de escolaridade não ocorrem de um modo geral muitos erros de morfologia verbal (8,5%). No que toca à identificação/individualização de palavras, verifica-se de tempos a tempos a não individualização de certas preposições nalguns contextos (ex: *derrepente/ de repente*) e também de determinados clíticos (ex: *foise/foi-se*).

As crianças inglesas cometem, em média, quase tantos erros como as crianças francesas (10% vs. 10,5%). Dado que a morfologia inglesa é mais simples do que a francesa, verifica-se nos textos ingleses uma menor percentagem de erros dessa categoria (20% vs. 29%). Os erros de identificação apresentam aproximadamente os mesmos valores nas duas línguas (25% vs. 27,5%). As crianças inglesas cometem menos erros de uso e de género e número, facto que se explica com facilidade. Na verdade, relativamente ao erros de uso, em inglês, a afectação da forma gráfica de uma palavra dificilmente não afecta a sua forma auditiva. Quanto aos erros de género e número, a especificidade do inglês condiciona seguramente a sua escrita.

Em contrapartida, as crianças inglesas cometem mais erros de ordem fonética, comportamento resultante com certeza do tipo de correspondência

⁴¹ Cf. HENDERSON, L. — *ob. cit.*, 1982, p. 66.

fonia-grafia atrás focada. A correspondência não isomórfica entre fonema-grafema deve constituir a causa de grande número de omissões de sons quando a criança ainda não sabe escrever ou então de substituições e de adições, que ela opera um pouco ao acaso.

Nos textos das crianças francesas surgem, porém, muito menos erros de inversão do que nos textos das crianças inglesas e portuguesas. (No caso do português, a inversão mais frequente diz respeito essencialmente à sequência oclusiva + vibrante simples (ex: *pergar/pregar*), que elas ouvirão porventura também muitas vezes de forma invertida.)

Em francês, por causa sem dúvida da homofonia lexical, das consoantes dobradas e das consoantes mudas, encontramos mais erros de uso do que em inglês e, por causa da homofonia respeitante às desinências nominais e verbais, verificamos igualmente um número mais elevado de erros linguísticos (morfológicos) e de erros de género e número. Além disso, a homofonia dificulta por certo a identificação das palavras quando as crianças ainda não dominam a estrutura da frase ⁴².

Um levantamento de erros deste género ajuda seguramente a realçar as características ortográficas da língua em estudo e permite que os professores das várias línguas, quando sensibilizados para tal, localizem sem grande margem de erro os desvios ortográficos com que deparam. Saber sobre que aspectos se deve insistir para melhorar as produções escritas constitui indubitavelmente o primeiro passo num processo de reeducação. O professor ou o educador deve observar com cuidado se os erros encontrados remetem para problemas de aprendizagem, de percepção ou de domínio deficiente da estrutura da frase. É evidente que a intervenção (re)educativa se encontra subordinada a um exame minucioso previamente efectuado.

Dependendo obviamente do sistema ortográfico da língua em questão, mais ou menos subordinado à fonética, será ou não importante que o aprendente domine mais ou menos profundamente a morfologia da sua língua para poder partir para uma escrita sem problemas. No entanto, independentemente do sistema ortográfico, os erros de identificação de palavras são sempre um bom indicador do domínio que um falante apresenta da sua língua.

⁴² Cf., por exemplo relativamente ao francês, GIROLAMI-BOULINIER, A. — *La grammaire langage en 20 leçons*, Issy-les-Moulineaux, Editions EAP, 1989.

A metodologia por que se optou neste trabalho para analisar os textos escritos de crianças do 4.º ano de escolaridade falantes do francês, inglês e português permitiu assim não só realçar a influência do tipo de sistema ortográfico no número de erros encontrados mas também mostrar, relativamente a cada sistema, a(s) categoria(s) de erros mais específica(s). Trata-se desta forma de uma análise que conduz facilmente à obtenção de um perfil de escrita e ao encaminhamento reeducativo de determinados casos se a persistência e frequência de erros considerados críticos assim o aconselhar.

*A. Girolami-Boulinier
Maria da Graça Pinto*